

Uma Idade Média global em Ramon Llull

A global Middle Ages in Ramon Llull

Una Edad Media global en Ramon Llull

Natasha Nickolly Alhadeff Sampaio Mateus

 <https://orcid.org/0000-0002-9634-665X>

Resumo: Este artigo tem por objetivo repensar a Idade Média a partir de uma perspectiva da História Global não a limitando mais apenas ao espaço territorial da Europa, contudo observando outras localidades, que embora se buscasse levar o Cristianismo a tomar esses ambientes, ocorreram contato com outros povos, o que resultou em trocas culturais rompendo com a ideia de uma “cultura europeia intacta”, isto é, sem intervenções de outras civilizações. Assim, por meio da trajetória de evangelização do filósofo maiorquino Ramon Llull (1232-1316) é possível perceber que ele não se restringiu somente a Península Ibérica, mas se estendeu a Túnis e Bugia no norte da África, em militância contra o crescimento do Islamismo. Para isso, este artigo está dividido em duas partes, na primeira, apresenta-se a visão de alguns autores a respeito da História Global, em seguida, trata-se de mostrar o percurso percorrido por esse filósofo para tal fim.

Palavras-chave: História Global; Idade Média; Ramon Llull.

Abstract: This article aims to rethink the Middle Ages from a perspective of Global History is no longer limited only to the territorial space of Europe, however, observing other locations, although Christianity was sought to take over these environments, contact with other peoples occurred, which resulted in exchanges cultural values, breaking with the idea of an “intact European culture”, that is, without interventions from other civilizations. Thus, through the trajectory of evangelization of the Mallorcan philosopher Ramon Llull (1232-1316) it is possible to see that he did not restricted only to the Iberian Peninsula, but extended to Tunis and Bugia in the north of Africa, in militancy against the growth of Islam. To that end, this article is divided into two parts, in the first, the view of some authors regarding of Global History, then, it is about showing the route taken by this philosopher for this purpose.

Keywords: Global History; Middle Ages; Ramon Llull.

Resumen: Este artículo tiene por objetivo repensar la Edad Media a partir de una perspectiva de la Historia Global no más limitándola solo al territorio europeo, sin embargo, analizando otras localidades, aunque se buscara llevar el cristianismo a tomar estos ambientes, se ocurrió contacto con otros pueblos, lo que resultó en intercambios culturales rompiendo con la idea de una “cultura europea intacta”, es decir, sin intervenciones de otras civilizaciones. Por tanto, por medio de la trayectoria de evangelización del filósofo mallorquín Ramon Llull (1232-1316) es posible percibir que él no se limitó solamente en la Península Ibérica, pero se extendió a Túnez y Bugía en el norte de África, en militancia contra el crecimiento del islamismo. Para ello, este artículo está dividido en dos partes, en la primera, se presenta el visión de algunos autores a respeto de la Historia Global, posteriormente, se trata de enseñar la ruta recorrida por ese filosofo para tal fin.

Palabras clave: Historia Global; Edad Media; Ramon Llull.

1 INTRODUÇÃO

A Idade Média foi um período histórico marcado por diversas interpretações. Ora um momento em que foi de trevas, monopolizado pela Igreja¹ e de estagnação na cultura e economia, visão pejorativa essa criada pelos renascentistas e iluministas que se perpetua em alguns ambientes ainda na contemporaneidade. De outro modo, a partir de estudos revisionistas mostraram que nesse momento ocorreram grandes avanços tecnológicos, na educação e em outras áreas da sociedade, o que fez enxergá-lo não mais como estático e controlado por uma instituição religiosa².

Dessa forma, é consenso que o período medieval foi uma fase do passado da Europa, mas ainda é fortemente “ocidental, latino, cristão e branco”. Essa abordagem é presente nos espaços acadêmicos que ao tratar da Idade Média têm uma relação estreita com o “Ocidente europeu”. Este espaço foi concebido de historiadores medievalistas franceses “que foram amplamente traduzidos e são presença constante nos cursos de história e em bibliotecas universitárias brasileiras. Por aqui, Marc Bloch, Georges Duby e Jacques Le Goff fizeram escola” (Souza, 2021, p. 533).

Perante o exposto, este artigo tem por objetivo repensar a Idade Média a partir de uma perspectiva da História Global³ não a limitando mais apenas ao espaço territorial da Europa, contudo observando outras localidades, que embora se buscasse levar o Cristianismo a tomar esses ambientes, ocorreram contato com outros povos, o que resultou em trocas culturais rompendo com a ideia de uma “cultura europeia intacta”, isto é, sem intervenções de outras civilizações. Assim, por meio da trajetória de evangelização do filósofo maiorquino Ramon Llull⁴ (1232-1316) é possível perceber que ele não se restringiu somente a Península Ibérica, mas se estendeu a Túnis e Bugia no norte da África, em militância contra o crescimento do Islamismo. Para isso, este artigo está dividido em duas partes, na primeira,

¹ A ferramenta eficaz do sistema elaborado pela Igreja Católica não foi o Paraíso, mas sim o Inferno, pois para instigar os fiéis na luta pela sua salvação, mostravam-lhes mais o medo do Inferno do que o anseio pelo Paraíso. Este era um lugar de paz e alegria; o oposto seria o Inferno, um local em que havia fogo eterno que queimava os danados perpetuamente. “Diante da morte, eles temiam menos a própria morte do que o Inferno. Assim se instala, apesar de algumas nuances, um Cristianismo do medo”. Tais práticas revelam que a Igreja medieval usava um discurso sobre o Além para concretizar a sua dominação em relação aos cristãos e justificar a ordem do mundo que tanto essa Igreja zelava (LE GOFF, 2006, p. 30).

² “Diferentemente do Mundo Antigo, marcada pela crença em vários deuses, a Idade Média se fortalecerá na concepção de um Deus uno, Aquele que rege toda a existência do universo. E como centro irradiador de valores, a Igreja Católica designará uma espécie de “um manual de comportamentos” a fim de que fossem cumpridas as doutrinas cristãs. Assim, temos de um lado a Igreja, uma instituição soberana, e do outro a figura de Deus único” (Mateus, 2020, p. 21).

³ “Com a história global, podemos atualizar o conceito de Idade Média, descolonizando-o da apropriação europeia e reintegrando-o à história do mundo” (Souza, 2021, p. 534).

⁴ No Brasil, muitos historiadores têm pesquisado sobre a vida e as obras de Ramon Llull, dentre os quais apresentam-se Costa (2006, 2008, 2011, 2012, 2013, 2018, 2022) e Souza (2020, 2021, 2022).

apresenta-se a visão de alguns autores a respeito da História Global, em seguida, trata-se de mostrar o percurso percorrido por esse filósofo para tal fim.

2 POR UMA HISTÓRIA DA IDADE MÉDIA GLOBAL

Para Souza (2021), a expressão Idade Média Global gera estranheza, já que para alguns, é muita aberta e vaga. Para outros, o eurocentrismo é um artefato inerente a tudo aquilo relacionado ao “medieval”. No lugar disso, optam pelo título de “era da intensificação global⁵”. Para esse autor, quando se busca refletir sobre os limites espaciais da Idade Média, isso acarreta em reaver os seus próprios marcos cronológicos.

[...] Alguns estudiosos indicaram a insuficiência de considerar, num quadro de conectividade global, o fim do Império Romano do Ocidente (século V) como o momento ideal para marcar o início daquele período. Como divisa mais plausível, sugeriram, por exemplo, a erupção do vulcão Ilopango (536 d.C.), em El Salvador, cujo poderoso impacto não afetou apenas a Mesoamérica; sabemos, hoje, que ele desencadeou “um efeito climático em cascata de longo prazo na Afro-Eurásia e, portanto, teve uma influência indireta, mas fundamental, na história de grandes partes do globo no início do Medieval” [...] (Souza, 2021, p. 534).

Pamela Crosley (2014) destaca que é necessário tirar o foco apenas do Ocidente e ter um olhar para as outras regiões do mundo, ou seja, entende-se nesse sentido, que é de fundamental importância olhar as outras culturas, principalmente no que diz respeito ao período medieval, que em grande escala as produções historiográficas medievais, focaram-se. Assim, compreende-se que é necessário considerar outros sujeitos, outras religiões, grupos sociais, instituições, outras ideias, e outras possibilidades de vivenciar o mundo e as experiências a partir dos intercâmbios culturais, sobretudo, os religiosos:

Uma visão histórica mais global deveria, inevitavelmente, reconhecer o peso de uma denominação colonial surgida da dinâmica ocidental, que conduz a transferência e à reprodução de instituições e mentalidades europeias, mas sem ignorar que a realidade original, irreduzível a uma repetição idêntica, toma forma nas colônias do Novo Mundo (Baschet, 2006, p. 32).

A História está conectada entre o passado, presente e futuro, e que “pensar historicamente”, é ter a capacidade de lançar análises sobre o passado e presente em uma perspectiva histórica. Uma vez que ter um olhar sobre o passado, pode ser fundamental em nossa análise sobre as questões presentes, já que permite perceber a historicidade do nosso tem-

⁵ “De todo modo, algumas propostas definiram coerentemente as principais características desse jovem conceito, entre as quais múltiplos centros, fronteiras porosas e sociedades plurais, complexas e diversas, com a presença do comércio de longa distância, migrações (forçadas ou não), impérios multiétnicos e transmissão de formas culturais e religiões universais em grandes áreas. Ainda que a Eurásia seja o espaço preferido dos pesquisadores, discussões para a incorporação de outros continentes têm sido constantes [...]” (Souza, 2021, p. 534).

po, e como os acontecimentos são passíveis de outros olhares em temporalidades distintas que acabam passando por interpretações e outras análises.

A construção de uma representação que impacta uma sociedade, está diretamente ligada a noção de tempo, o que Koselleck (2014, p. 9) denomina como primordial para constituição dos espaços históricos, permitindo a compreensão, pois a noção de espaço e tempo continuam entrelaçadas. Embora nossa reflexão seja sobre um debate que se desencadeou durante o século XIII e início do XIV, sobre a uma defesa da “fé”, vemos como ainda se trata de uma discussão atual, em que muitos dedicam sua vida em defesa de suas ideias e crenças. A tendência de se pensar em uma linearidade do tempo, as vezes confunde a reflexão humana, sobre as ações levando a pensar que há um progresso contínuo ou que uma sociedade herda as culturas de um tempo passado, isto porque, acredita-se nessa linearidade do tempo, e que o presente pode sempre ser mais eficaz em relação aos acontecimentos que já passaram.

A historiografia medieval desenvolveu seus estudos sobretudo no mundo ocidental, mas as práticas orientais influenciaram, não só esse período como toda a humanidade (Crosley, 2014) por isso é relevante que historiografia oriental passe a ser melhor analisada e estudada. Os desafios em repensar o enraizamento eurocêntrico nas representações históricas, sem dúvida, tem sido um desafio para os estudos medievais sobretudo, tratando-se das problemáticas que envolvem o Cristianismo, ou melhor, para além do Cristianismo. O foco na cultura europeia fez que muitas escritas históricas priorizassem o que era considerado como o hegemônico até mesmo para a construção de outras sociedades e de outras histórias:

Assim procuramos encarar com pragmatismo a noção de “eurocentrismo”, entendida não só como as várias formas de influência política, econômica e social da Europa no globo, mas sobretudo como remissão ao enraizamento dos conceitos e valores que operam na ciência e em outras formas de enxergamos o mundo (Nico-demo; Pereira; Santos, 2017, p. 163).

É nesse sentido que o passado continua presente em nossa sociedade, passível de questionamentos e reflexões. “Graças aos ‘estratos de tempo’ podemos reunir em um mesmo conceito a contemporaneidade do não contemporâneo, um dos fenômenos históricos mais reveladores” (Koselleck, 2014, p. 09). Embora a distância de séculos, tentamos fazer uma análise sobre aquilo que no sentido literal já não existe mais, contudo que faz parte do nosso processo de análise e reflexão. Como destaca Oriani (2017, p. 324) “história para Certeau, que é a compreensão de que a história é o discurso do morto e que a escrita coloca em cena uma população de mortos, não apenas para honrá-los, mas para exorcizá-los e eliminá-los”.

Sobre a História Global, Barros (2019) diz que ela busca recuperar outros pontos de vistas, que vão para além das questões eurocêntricas, ou seja, construir uma história sem ter

um único centro, mas pensar nas formas múltiplas e nas outras possibilidades de se repensar os acontecimentos.

Um dos aspectos a ser destacado é perceber as diversas fusões culturais e entrelaçamentos vivido por homens e mulheres em um contexto que ultrapassam as questões temporais e cristãs, mas observar as trocas culturais possíveis, assim como “[...] as maneiras pelas quais a Europa foi moldada por suas conexões com outras partes do mundo” (Silveira, 2019, p. 217). No entanto, são necessários alguns cuidados para não construir uma pesquisa fragmentada, pois reconhecemos os limites que ela também nos impõe:

Diante de realidades que convém estudar a partir de múltiplas escalas, o historiador tem de converter-se em uma espécie de eletricista encarregado de restabelecer as conexões internacionais e intercontinentais que as historiografias nacionais desligaram ou esconderam, bloqueando as suas respectivas fronteiras (Gruzinski, 2001, p. 176).

Um ponto relevante, quando se trata dos estudos globais referente às pesquisas medievais, é a necessidade tocante de encontrar nas situações locais e regionais, uma conexão histórica. Para Serge Gruzinski (2001), ainda há uma dificuldade em à produção historiográfica romper com as fronteiras de sua própria nação, mantendo assim um “conservadorismo europeu”. Dessa forma, apesar das fontes que utilizamos ser produzida no contexto europeu, ressaltamos que o filósofo maiorquino, não omite a influência de outras culturas na sua formação, que apesar de cristã, está entrelaçada com a cultura dos muçulmanos. Silveira (2019) destaca que é fundamental, para os estudos medievais, repensar os limites temporais e os espaciais, e reforça que o contato e as interações entre as culturas compõem o que se pretende abordar em nossa pesquisa como uma História Global.

É preciso reconhecer que os desafios metodológicos quando se trata da História Global são bastante instigantes, pois trará novas interpretações, novas abordagens e uma forma de análise, que, leva-nos a um exercício interessante, que é analisar a fonte para além do que aparentemente está dito.

A finalidade da História Global é apreender os diversos olhares, em seguida interconectá-los, contudo, sem colocá-los somente por um viés, como acontece em uma escrita da história tradicional, mas, contar uma História sem um único centro. Essa abordagem não é concebida como um “agregado desconectado de histórias nacionais”, e “nem é tradada como uma História Universal que tenta submeter todas as histórias a uma caminhada única da civilização, à maneira das antigas histórias universais” (Barros, 2014, p. 88).

3 RAMON LLULL NAS TRILHAS DE UMA HISTÓRIA DA IDADE MÉDIA GLOBAL

O filósofo maiorquino Ramon Llull (1232-1316) cresceu em um contexto de grandes transformações e mudanças sociais e políticas. Viveu um período em Maiorca, com uma

breve peregrinação a lugares santos na Península Ibérica. Mas, parte de sua formação intelectual e política foi forjado durante o reinado de Jaime I (Lemos, 2010).

Nesse contexto, os territórios da Cristandade, foram marcados por intensas disputas entre cristãos e muçulmanos. Por volta do século XIII, em 1228, o rei Jaime I preparou um grande exército para a reconquista da cidade de Maiorca, a qual estava sob o controle dos muçulmanos. Após a conquista, a coroa de Aragão começou sua expansão pelo Mediterrâneo e em direção a Valência, passou por outros territórios cristãos (Costa, 2001, p. 164). Foi nessa conjuntura que se insere a vida e os escritos de Llull. Ele nasceu em uma região de Fronteira, em Palma de Maiorca, ilha recém conquistada por Jaime I.

O pai de Ramon Llull participou da Reconquista dos territórios maiorquinos, recebeu em troca terras e a sua família foi descrita como nobres barceloneses ricos. Llull também trabalhou como senescal. Em sua terra natal, Maiorca, teve influência dos mouros. Llull narra que vivia dado ao pecado antes de adotar a doutrina cristã como modelo a ser seguido. Ainda jovem teve uma educação voltada para música, assim compunha canções, que para ele, eram “vãs canções”, pois ele era casado, tinha dois filhos, mas suas canções eram feitas para uma namorada (Costa, 2006, p. 108). Certa noite, surpreendeu-se com uma visão. Que visão era essa? Esta seria o Cristo crucificado que mudaria sua trajetória para sempre. Para André Vauchez (1995, p. 162), as visões eram um importante meio de comunicação entre o homem e Deus.

Segundo Llull (1972), em sua autobiografia *Vida Coetânea*, as aparições sucederam-se por mais ou menos cinco vezes, até que Llull compreendeu que algo sobrenatural estava acontecendo com ele. Sentiu-se triste, e indigno de servir a Jesus Cristo, pois a vida que até então tinha levado era uma vida mundana, distante dos padrões cristãos. Mas, aceitou a missão, e buscou formas para cumprir seu tão alto ministério.

O ministério de Ramon Llull⁶ começaria com muita intensidade, pois, acreditava que era necessário o conhecimento, visto que, segundo ele, tinha perdido muito tempo, além do que se considerava um iletrado, e só tinha aprendido um pouco de gramática. Aqui é importante ressaltar que Llull tinha trabalhado como senescal para Jaime II, e, embora, não se achasse capacitado, já possuía um amplo conhecimento. Nesse sentido, um dos motivos que vai fazer Llull se dedicar em construir um projeto-pedagógico, baseia-se na sua própria experiência de vida. As dificuldades pelas quais enfrentou, faria o possível em prol do outro, pois, não queria que os outros passassem por tudo o que tinha vivido. Por isso, queria que as

⁶ “[...] seguindo os preceitos da Igreja, Ramon Llull apresenta os sete pecados capitais que deveriam ser evitados por seu filho Domingos e por outros cristãos. Além disso, explica como se afastar dos pecados: em primeiro lugar através da prática de seguir as sete virtudes que conduziram à salvação (fé, esperança, caridade, justiça, prudência, fortaleza e temperança). Dessas, a mais importante seria a caridade, mãe de todas as virtudes segundo São Paulo [...] Outro elemento importante para a obtenção da salvação seria a condução dos cristãos pela Igreja através da oração e dos sacramentos” (Zierer; Abrantes, 2020, p. 19).

pessoas conhecessem quem era Jesus Cristo desde cedo (Costa, 2006; Lemos, 2010). Desse modo, Ramon Llull será uma dessas personagens da Idade Média tão preocupado com a educação e a religiosidade, e ao se converter, quis contribuir ao máximo para o fortalecimento da Cristandade. Para Llull (1972), eram considerados como “infiéis” os muçulmanos e judeus, que cercavam os cristãos.

Em uma perspectiva Global, compreende-se que as ideias se espalham, sobretudo, as crenças e a religião, fenômeno tão caro para as sociedades, que não formam necessariamente de forma original, mas se misturam a partir das interconexões culturais. Dessa forma, faz-se uma reflexão sobre como Ramon Llull, apesar de focar sua total ambição na expansão do Cristianismo, deixou rastros riquíssimos que a Idade Média não é só europeia ou cristã.

Nesse sentido, Llull (2010) mostra que a cultura islâmica também esteve presente em sua formação e analisa processos de construção e desconstrução em meio as representações que são criadas para dar um sentido social, na esfera daqueles que absorvem no coletivo a ideia e a certeza de uma fé, que corresponde no espaço físico e sobrenatural a representação do que os homens e mulheres conjecturam para suas existências, e que dramatizam por meio de um fio condutor do tempo, que abre espaços para a construção de culturas que alicerçam as bases e estruturas de uma determinada sociedade. Assim, ele deixa registrado em suas obras a vivência e as riquezas de seu contato com outras culturas. Ele forjou sua compreensão sobre o mundo para além da cidade de Paris, e outros centros, mas andou sobre terras “periféricas” e experimentou múltiplas relações.

Desta forma, durante o século XIII, no contexto da Península Ibérica, fica evidente que não era apenas o Cristianismo que tinha força, mas Ramon Llull por meio de sua ação em expandir o Cristianismo e criticar os cristãos de seu tempo.

Assim, Ramon Llull elabora um projeto de conversão aos não-cristãos e não se limita apenas à Península Ibérica. É um viajante global, no sentido de que vai além da fronteira e se conecta a outras culturas e percebe a complexidade e diversidade de seu tempo. Llull vai desde Paris como à outras localidades na África, mudando em alguns momentos seu estilo de escrita o que mostra a influência do contato com o outro; talvez isso tenha se dado por visitar outras culturas e localidades. Sua abordagem foi desde a poética e por vezes mais realista da sua realidade social. Llull torna-se singular, pois por meio dos seus escritos, mesmo que não de forma proposital, pode-se olhar o entrelaçamento cultural e suas obras oferecem possibilidades de perceber conexões e interações, abrindo possibilidades para muito além da Europa (Silveira, 2019).

Para Souza (2022), as obras lulianas foram influenciadas pela cultura oriental. Llull não ficou isolado somente a cultura cristã ou europeia, mas conheceu diversas localidades,

o que proporcionou um amplo conhecimento sobre outras religiões. O autor discorda que Llull tenha sido um nacionalista catalão, classificação essa que não resume a filosofia luliana.

Torna-se um grande desafio a tentativa de explicar os objetivos de Llull, quando publicou obras que tinham como temática principal o Cristianismo. Diante das variações que a sociedade medieval no Ocidente enfrentava, sobretudo na sua religião preponderante, a qual sofria com a concorrência do islamismo nos territórios que estavam sob o seu domínio. Consequentemente, gerava um contra-ataque dos cristãos, característica historicamente presente em suas ações, o combater os “inimigos” da fé cristã.

As estratégias discursivas utilizadas por Ramon Llull em que a educação foi um instrumento de evangelização para converter os ditos “infieis” ao Cristianismo, são encontradas como fontes presente nas suas obras: *A Doutrina para Crianças* e *O livro do Gentio e dos Três Sábios*. Ramon Llull, era casado e tinha dois filhos, como homem do seu tempo em que a devoção ao sagrado era preponderante, converteu-se ao Cristianismo, por volta dos 30 anos, depois de viver entregue aos “prazeres mundanos” (Llull, 1972).

Durante o século XIII do Medievo europeu, período em que viveu Ramon Llull, houve avanço no campo científico. O historiador Richard Fletcher em sua obra, *A cruz e o crescente: a convivência entre muçulmanos e cristãos das Cruzadas à Reforma Protestante (2003)*, diz que nesse contexto cultivou-se uma abundante colheita intelectual e o conhecimento:

[...] havia deixado os monastérios, com lealdade profundamente conservadora a uma ementa de estudo quase que apenas dedicada à Bíblia e aos Pais da Igreja. Os eruditos do século XIII estudavam e discutiam em novas instituições chamadas “universidades” - em Paris, Bolonha, Oxford, para nomear três -, com bibliotecas, auditórios e livros didáticos. Toda a atmosfera do saber havia mudado. Nesse e em muitos outros pontos, o século XIII é reconhecidamente parte do nosso mundo moderno (Fletcher, 2003, p. 148).

Foi nessa conjuntura que Llull utilizou a educação como estratégia para converter os “ditos infieis”, assim, a educação teve uma finalidade para além de objetivos terrenos, pois dentro do Imaginário do homem dessa época, este não se via apenas como um ser terreno, mas acreditava em uma vida pós-morte. Por isso, o filósofo se preocupou com a preservação das memórias do Cristianismo primitivo, sempre ressaltando que os homens estavam se distanciando de Deus. Essa obra também fala da memória educativa, que visava sempre o ato de lembrar, recordar, reinterpretar e guardar os ensinamentos do Cristianismo.

Sobre Ramon Llull, Fletcher (2003, p. 173-174) afirma que era um jovem polímata de Maiorca, “era uma figura notável: cavaleiro, poeta, novelista, místico, viajante, editor de suas próprias obras, autor de mais de duzentos trabalhos e um lobista de suas causas tão incansável”. Esse filósofo “estabeleceu uma faculdade perto de sua casa, em Maiorca, para o treinamento de missionários para o islã”. Em 1311, no Concílio Ecumênico de Vienne, “ele convenceu os religiosos a fundar escolas de estudos sobre o Oriente nas universidades de

Paris, Oxford, Bolonha e Salamanca, nas quais a língua árabe poderia ser estudada, junto com a história, teologia e a filosofia islã”.

O alargamento das conquistas dos europeus tornou viável a expansão do Cristianismo aos locais mais distantes do seu centro, entretanto, não se pode creditar a esta religião o pioneirismo de chegar aos diversos continentes. Haja vista que o Islamismo, sendo uma religião com características aproximadamente globais, alcançou de forma grandiosa porções de território na África, Ásia e parte da Europa.

O Cristianismo se fortaleceu muito nessa época e a Igreja buscava o monopólio e ser a grande detentora dos ensinamentos naquela sociedade. Ramon Llull discorre profundamente sobre a relação entre educação, memória e religião, e na sua obra dá destaque a uma memória da salvação, em que formulou um “Projeto Cristão Imperialista”⁷ usando a educação por meio de um discurso, no qual se pregava modelos de condutas a ser seguidos e que contribuíssem para o bom funcionamento da sociedade. A religião é a soberana “[...] virtude ordenada no homem para a regra contemplativa e a renúncia da vida ativa. Assim, saibas, filho, que o princípio desses homens religiosos esteve nos ermitães, que, pelo grande amor e fervor que tinham a Deus, partiram para os desertos e os bosques” (Llull, 2010).

E era nessa conjuntura que Llull estava inserido, assim, pode-se perceber o lugar social e de fala desse filósofo (Certeau, 2011), isso se expressa por meio de suas importantes obras literárias, que mostram uma espécie de proposta de reformulação da sociedade, baseado naquele contexto, o que leva o leitor a uma reflexão sobre o que conceituava enquanto educação cristã e elevação do pensamento espiritual, e encarava a vida terrena apenas como uma breve passagem.

É importante destacar, que os novos estudos sobre a forma de “fazer” e “construir” a História nos últimos tempos, sobretudo a História Global, têm privilegiado os aspectos pessoais e subjetivos dos indivíduos, assim como repensado nos processos de conexões e interconexões. Diante desse fator, as questões ideológicas-religiosas-culturais se difundiram por várias partes do mundo, principalmente no que se refere às questões relacionadas ao Cristianismo e o Islamismo (Silva, 2016, p. 10).

O historiador Martin Marty mostra em sua obra, *O Mundo Cristão: uma História Global (2008)*, que o Cristianismo em uma perspectiva global significa tentar mantê-lo em um foco amplo por todo o mundo. Esse autor desconsiderou as abordagens convencionais que concentra os relatos apenas na Europa e a América do Norte, e ampliou o seu estudo tratando outras partes do globo, como a África, América Latina, etc. Desse modo, cita Ramon Llull com um dos propagadores do Cristianismo que foi além da Península Ibérica, a exemplo em

⁷ Utilizamos esse termo para se referir a um projeto de ambição em captar o maior número de cristãos e expandir o Cristianismo para outras regiões.

Túnis no norte da África, no combate ao avanço do Islamismo, o que o insere em uma História Global. Sobre esta, Silveira diz que:

A História Global é uma perspectiva historiográfica que busca um olhar mais amplo e complexo, abrangendo diversas metodologias. Sobre seu campo podemos falar que ele é vasto, com diferentes fases e desdobramentos. Felizmente, muito trabalhos foram escritos nos últimos anos, na tentativa de definir melhor o desenvolvimento, possibilidades, limites e perspectivas do campo (Silveira, 2019, p. 214).

Nesse sentido, observa-se que os estudos a partir das obras do filósofo maiorquino, evidenciam as conexões entre os continentes europeu, africano e outras localidades que estão conectadas e integradas “[...] em sua diversidade, onde integrado significa que só seria possível compreender amplamente um fenômeno histórico de uma região, quando se tivesse em perspectiva as interações, conectividades e interdependência entre as demais regiões” (Silveira, 2019, p. 213), levando em consideração que as sociedades não estão isoladas, mas existem as trocas e conexões que interligam as culturas “diferentes”. As influências religiosas na formação de Ramon Llull, ultrapassavam as questões ligadas ao Cristianismo, pois além do contato com outras culturas foi profundamente influenciado pelo Islamismo e Judaísmo.

Dessa forma, vale ressaltar que as viagens realizadas por Ramon Llull foram decisivas para a propagação de ideias e valores oriundos de suas crenças, assim como “assimilar” também a cultura do outro. Por isso, ao consultar as obras escritas por Llull, vemos que o autor mostra que durante suas idas a outras regiões, era possível ver que existiam outras culturas, outros “mundos”, e além do Cristianismo, o Islamismo também crescia e aumentava seu número de seguidores. É nesse sentido que,

[...] a História Global prima pelo estudo do contato e as interações entre as culturas. Fazer uma História Universal da Idade Média seria compartimentar e estudar separadamente ou em comparação, por exemplo, a cristandade latina europeia e o mundo muçulmano do mesmo período” (Silveira, 2019, p. 222).

Nesta perspectiva, problematiza-se que mesmo preocupado com os assuntos educacionais de sua época, havia em Ramon Llull uma grande inquietação de propagar o Cristianismo e tinha em vista que existiam outras religiões com essa mesma finalidade, por isso, construía “armas” para obtenção de êxito nessa “guerra santa de ideias”, e por meio do seu discurso presente nas suas obras, tentava convencer os outros indivíduos a professar a sua fé. Desta maneira, questiona-se quais os elementos presentes na oratória de Llull, bem como mostrar que a intenção dele vai além de educar o indivíduo, mas sim, persuadir os ditos infiéis a tornarem-se bons cristãos.

É nesse sentido, que Llull apresenta a disputa entre as diferentes e maiores religiões monoteístas⁸ (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) e argumentos apologéticos dos seus respectivos credos. *O Livro do Gentio e dos Três Sábios* está dividido em um prólogo, no qual apresenta os personagens que estão presente no decorrer da obra. Os quatro capítulos são chamados de livros: o primeiro livro mostra a existência de Deus; já no segundo capítulo, trata das doutrinas do Judeu que tenta provar que a sua crença é superior à dos outros dois; o terceiro livro o cristão defende a sua crença como a única verdade, e por fim o quarto livro, o muçulmano também tenta provar que a sua crença é a correta (Llull, 2001). Ramon Llull chama a atenção para a condição do Gentio que se encontrava sem religião, a saber:

Ocorreu por disposição divina haver numa terra um gentio muito sábio em filosofia. Refletia sobre sua velhice, sua morte e os bens deste mundo. Este gentio não tinha qualquer conhecimento de Deus e nem acreditava na ressurreição ou na existência de qualquer coisa depois da morte [...] Enquanto o gentio meditava sobre estas coisas, seus olhos se enchiam de lágrimas e punha-se a chorar. Seu coração derramava em tristeza, suspirava e condoía-se, porque tanto amava essa vida mundana e tanto lhe enchia de terror o pensamento da morte e a consideração de que depois dela não houvesse mais nada, que não se podia consolar nem se abster de chorar, nem podia espantar a tristeza do seu coração (Llull, 2001, p. 42-43).

Nesta fonte, traz o debate entre o judeu, o cristão e o muçulmano, os quais buscavam converter esse gentio as suas religiões, contudo, a intenção do autor era mostrar que a religião cristã era a verdadeira, desse modo, as estratégias de conversão elaboradas pelo maiorquino, os seus discursos, os métodos, o que estava por trás de seus argumentos para convencer os ditos infieis ao Cristianismo, faziam parte de um ambicioso projeto para além das perspectivas espirituais.

Desse modo, o discurso do maiorquino registrado em suas obras, revela um projeto de unificar a fé cristã. E para isso criou um método pautado no conhecimento sobre o outro, o que permite notar uma dimensão da interação e da globalidade em seu projeto. Como afirma Souza (2021), trata-se de uma História em que houve trocas, encontros culturais e redes de alianças políticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos recentes, ainda se percebe um forte avanço do Cristianismo. Assim, entende-se como um fenômeno global, que coloca os relatos bíblicos como foco para expansão dessa fé, desabrochando um verdadeiro encanto e impulso para os trabalhos eclesiais e ministeriais. Portanto, existe algo que move as relações humanas há séculos, o sagrado. A busca pelo sentido da vida fez com que o homem, em suas distintas sociedades, buscasse

⁸ Segundo Fletcher (2003, p. 148), os “três monoteísmos relacionados do Judaísmo, Cristianismo e islã são religiões ‘reveladas’. Elas se baseiam em revelações divinas concedidas à humanidade e registradas em escrituras sagradas”.

direções opostas face ao que consideravam/ e consideram como a “verdade” em meio aos mistérios da existência. Nesse sentido, o contexto da Idade Média se percebe como os homens daquela sociedade buscavam no sagrado um sentido para a sua existência. E, isso não é uma atribuição exclusiva desse período, já que esse é um fenômeno global. Mas a “religião” na Idade Média, juntamente com suas instituições, despertam a curiosidade em aprofundar-se nas ideias traçadas, nos caminhos percorridos por homens e mulheres em relação a sua divindade.

Diante do exposto, constatou-se que o projeto luliano era ambicioso em contribuir para a expansão do Cristianismo por meio de suas ideias, visto que Lull demonstra em suas obras uma crise do Cristianismo. Desse modo, o processo educativo, na concepção de Lull, seria contribuir na transmissão desses valores no ambiente familiar, religioso e convívio social, entre outros, o que gerou a formulação de estratégias de ensino que resultassem em uma educação centrada na formação de um bom cristão. Assim, verificou-se que a educação no Medievo ocidental estava vinculada à religião cristã, mas isso não acontece de modo aleatório, pois há um propósito que está para além de educar os próprios cristãos, mas também garantir uma organização social. No entanto, é possível que esse autor também estivesse interessado em converter os demais povos por meio da mesma estratégia que era a educação, uma vez que, para os cristãos, ela serviria para edificá-los e alcançar os outros povos.

Neste sentido, foi importante utilizar as três obras de Lull mencionadas ao longo do texto, já que trazem como pano de fundo a oposição percebida por Lull entre as religiões. Desse modo, seria impossível realizar a tessitura da diversidade na Catalunha do século XIII, sem levar em consideração a força da religião no pensamento europeu da época. Para uma parte dos homens europeus, o referencial de todas as coisas era a “manifestação do sagrado” (Franco Júnior, 2001, p. 30), e as bases fundamentadas nos preceitos cristãos. Era a mistura do visível com o invisível, do material com o imaterial. Durante boa parte da Idade Média perdurou o ideal clássico quanto à ideia de formação da personalidade, ou seja, o propósito de se plasmar o cristão perfeito, na aquisição daquilo que era considerado como virtude no Imaginário da época.

Na pretensão de romper com uma historiografia eurocêntrica, os novos estudos com base em uma História Global mostram que durante o Medievo houve disputas e embates para que a religião cristã fosse hegemônica, ocidental, branca e masculina. Contudo, neste trabalho, vimos que a Idade Média está longe de não ter tido influência de outros povos e religiões, embora se tenha construído a representação de uma civilização europeia difusora de padrões de comportamentos a serem seguidos por outras sociedades, a exemplo das imposições desses modelos durante a conquista da América, a Europa medieval incorporou as formas de vida de outras sociedades que habitavam além do seu território geográfico, revelando, assim, que esse período histórico não pode mais ser concebido por meio de interpretações simplórias, mas sim recorrendo a pontos de vista que atestem a sua complexidade.

REFERÊNCIAS

FONTES

LLULL, Ramon. **Vida Coetânea**. (Trad. Ricardo da Costa) publicado na Internet: <http://www.ricardocosta.com/vita.htm>. Trad. Da edição de Gret Schib. Barcelona: Editorial Barcino, 1972. Acesso em 29/08/2023.

LLULL, Ramon. **Vida Coetânea**. Tradução de Ricardo da Costa. Revisão: Prof. Dr. Alexander Fidora (Johann Wolfgang Goethe-Universität, Frankfurt am Main) Supervisão: Prof. Dr. Fernando Domínguez Reboiras (Raimundus-Lullus- Institut, Albert-Ludwigs-Universität). Freiburg im Breisgau, 1999.

LLULL, Ramon. **Doutrina para crianças**. Trad. de Ricardo da Costa, e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES. III. Editorial Ivitra, 201

LÚLIO, Raimundo. **O Livro do gentio e dos três sábios (1274-1276)**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

BIBLIOGRAFIA

ZIERER, Adriana; ABRANTES, Elizabeth Sousa. Apresentação. In: MATEUS, Natasha Nickolly Alhadeff Sampaio. **Educação e Religiosidade na obra Doutrina para Crianças de Ramon Llull (1274-1276)**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

BARROS, José D'Assunção. **História Comparada**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BARROS, José D'Assunção. História interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias. **Secuencia**, n. 103, p. 01-30, 2019.

BASCHET, Jérôme. **A Civilização Feudal**. Rio de Janeiro: Globo, 2006.

CERTEAU, Michael de. **A escrita da história**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

COSTA, Ricardo. A experiência religiosa e mística de Ramon Llull, A Infinitude e a Eternidade divinas no Livro da Contemplação (c. 1274). **Revista de Filosofia e Mística Medieval**. Vol.3, n. 1, 2006, p.107-133.

COSTA, Ricardo. A criação da ciência universal: Ramon Llull e as premissas de sua Arte. In: SANTIAGO, Homero (coord.). **Discutindo Filosofia 3**. São Paulo: Editora Escala, 2006.

COSTA, Ricardo. A experiência religiosa e mística de Ramon Llull: A Infinitude e a Eternidade divinas no Livro da Contemplação (c. 1274). In: Scintilla - **Revista de Filosofia e Mística Medieval**. Curitiba: Faculdade de Filosofia de São Boaventura (FFSB), vol. 3, n. 1, janeiro/junho 2006, p. 107-133.

COSTA, Ricardo. A criação da ciência universal: Ramon Llull e as premissas de sua Arte. In: SANTIAGO, Homero (coord.). **Discutindo Filosofia 3**. São Paulo: Editora Escala, 2006.

COSTA, Ricardo da. A Educação na Idade Média: a Retórica Nova (1301) de Ramon Llull. **Notandum (USP)**, v. 16, p. 29-38, 2008.

COSTA, Ricardo. Maomé foi um enganador que fez um livro chamado "Alcorão": a imagem do Profeta na filosofia de Ramon Llull (1232-1316). **Notandum (USP)**, v. 27, p. 19-35, 2011.

COSTA, Ricardo da. "A Eternidade de Deus na filosofia de Ramon Llull (1232-1316)". In: **Mundos medievales: Espacios, Sociedades y Poder. Homenaje al Profesor José Ángel García de Cortázar**. Santander: PubliCan, Ediciones de la Universidad de Cantabria, D. L., 2012, tomo II, p. 1215-1227.

COSTA, Ricardo da. Ramón Llull y el Orden del Temple. **Abacus**, v. 11, p. 4-142, 2013.

COSTA, Ricardo da. Ramon Llull (1232-1316) foi o filósofo da tolerância na Idade Média?. In: SALATINI, Rafael; DIAS, Laércio Fidélis. (Org.). **Reflexões sobre a Paz. Vol. II ? Paz e Tolerância**. 1ed. Marília, São Paulo: Editora Oficina Universitária/Cultura Acadêmica, 2018, v. II, p. 115-138.

COSTA, Ricardo da. MEIRA, Gabriel t. O ordenamento divino da Vontade e do Poder no Livro da Contemplação em Deus de Ramon Llull (1232-1316). In: Antonio CORTIJO OCAÑA & Vicent MARTINES (orgs.). **Mirabilia Journal**, 2022, p. 103-123.

CROSLEY, P. **O que é a História Global**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

FLETCHER, Richard. **A Cruz e o Crescente**: a convivência entre muçulmanos e cristãos das Cruzadas à Reforma Protestante. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média**: nascimento do ocidente, São Paulo: Brasiliense, 2001.

GRUZINSKI, Serge. "Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories". IN: **Topoi**, Rio de Janeiro, mar. 2001, p. 175-195.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

LE GOFF, Jacques. Além. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2006, p. 21-34.

LEMOES, Tatyana Nunes. **Pregação e cruzada**: a conversão dos infieis nos poemas de Ramon Llull (1232-1316). Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas do Centro de Ciências Humanas e Naturais) Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2010.

MARTY, Martin. **O mundo Cristão**: uma História Global Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

MATEUS, Natasha Nickolly Alhadeff Sampaio. **Educação e Religiosidade na obra Doutrina para Crianças de Ramon Llull (1274-1276)**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

ORIANI, Angélica Pall. Primeiros rascunhos: aproximações entre Michel de Certeau e a História do Tempo Presente. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 22, p. 316 - 338, set. /dez. 2017.

SANTOS, P. A. C.; NICODEMO, T.; PEREIRA, Mateus . Historiografias Periféricas em Perspectiva Global ou Transnacional: Eurocentrismo em Questão. **Estudos Históricos**, v. 30, p. 161-186, 2017.

SILVA, Kalina. Uma História de Conexões e comparações dos Impérios Coloniais Modernos. In: PEREZ, J. **Histórias Conectadas: ensaios sobre história, global, comparada e colonial na Idade Moderna**. 1ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2016, p. 9-17.

SILVEIRA, Aline Dias da. História Global da Idade Média: Estudos e propostas epistemológicas. **Roda da Fortuna**, v. 8, p. 210-236, 2019.

SOUZA, Guilherme. "Andando casi por toda la tierra"? As viagens de Ramon Llull no imaginário moderno: entre mito e história. **Revista Diálogos Mediterrâneos**. v. 19, p. 58-81, 2020.

SOUZA, Guilherme. Raimundo Lúlio, a Idade Média Global e o ensino de história: perspectivas de abordagem. **Esboços**, v. 28, p. 531-557, 2021.

SOUZA, Guilherme. Revisitando a literatura luliana: do nacional ao global. **Ehumanista**, v. 52, p. 211-226, 2022.

VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média Ocidental**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

Recebido em janeiro/2024 | Aprovado em junho/2024

MINIBIOGRAFIA

Natasha Nickolly Alhadeff Sampaio Mateus

Doutora em História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professora do Instituto de Ensino de Superior Franciscano (IESF) e da Secretaria Municipal de Educação (SEMED)/São José de Ribamar.

E-mail: natasha_alhadeff@hotmail.com